

2.º — O material pré-histórico colhido apresenta características bastante curiosas, principalmente pela presença de alguns instrumentos de mármore da região, sendo os outros em maior parte em quartzo filoniano.

ABEL VIANA e GEORGES ZBYSZEWSKI.

### Os terraços do Minho em Orense

O Rio Minho, que no troço internacional apresenta extensos e espessos depósitos de terraço, escalonados em níveis sucessivos, dos quais o mais elevado atinge 95-100 metros acima do leito actual, na estiagem, corre a montante da confluência com o Trancoso (pode dizer-se desde Melgaço) num vale estreito, encaixado, em que escasseiam os depósitos aluviais antigos ou modernos.

Além de Ribadavia, porém, o vale alarga de novo e os depósitos aluviais voltam a ocupar apreciável extensão. A bacia de Barbantes pertence a esta parte do vale.

Registam-se neste troço do rio diferentes níveis de terraços de acumulação, alguns deles cortados pelo caminho de ferro ou observáveis das janelas do comboio.

Junto de Orense pude verificar há pouco, durante algumas escassas horas que permaneci na cidade, a existência de pelo menos quatro níveis diferentes de terraços.

O mais elevado fica a cerca de 50<sup>m</sup> acima do leito do rio: corresponde-lhe a plataforma em que assenta o edifício do Governo Civil, podendo ver-se ainda uma película de depósitos (com calhaus rolados, areia ou argila) nos cortes recentes.

Descendo em direcção à ponte, encontra-se cerca de 20<sup>m</sup> mais baixo outro nível de terraço, com depósitos abundantes, constituídos por calhaus rolados.

Inferiormente, aparece um nível de terraço com 10-15 metros de cota.

Finalmente, antes de atingir o leito actual do rio, observa-se um terraço cuja altitude não vai além de 5-6 metros.

Os três primeiros níveis de terraços (5, 10-12 e 25-30 metros) foram reconhecidos, anteriormente, por Carlos Vidal Box, conforme refere num estudo recente (1).

---

(1) C. Vidal Box — *Contribución al conocimiento morfológico de las cuencas de los rios Sil y Miño*. «Bol. de la Real Soc. Esp. de Hist. Nat.». Tomo XXXIX, 1941 (págs. 121-153).

Verifica-se, deste modo, que o dispositivo dos terraços do Minho nas regiões do interior é idêntico ao que se observa nas vizinhanças do litoral. Com efeito, junto da foz registam-se os níveis de 5-6, 10-20, 30-40, 45-55 metros, havendo além destes, na parte correspondente ao troço internacional, níveis de terraços de 60-70, 75-80 e 95-100 metros acima do leito do rio.

\*

\* \*

No degrau do terraço baixo, na margem esquerda do rio, a jusante da ponte de Orense, recolhi o biface acheulense que vai reproduzido na estampa junta.

Foi talhado num calhau rolado de quartzito; as superfícies de fractura estão muito bem patinadas.

Quanto a dimensões, tem 13<sup>cm</sup> de altura, 9<sup>cm</sup> de largura e 5<sup>cm</sup> de espessura.

O exíguo tempo de que dispunha não me permitiu alargar para mais longe as pesquisas. De resto o meu principal interesse residia na observação dos níveis de terraço.

Lisboa, Novembro de 1948.

CARLOS TEIXEIRA.

---

### Um «metate» em Vilarelho da Raia

Numa excursão que fizemos no verão de 1947, ao passar em Vilarelho da Raia, ao Norte de Chaves, vimos, a servir de lavadouro junto dum rego de água, uma pedra de forma estranha, que nos recordou imediatamente o antigo moinho usado pelos incas e aztecas antes da descoberta da América. Não era fácil de confundir aquela forma tão característica e exótica, com qualquer instrumento de origem europeia.

Já várias vezes tínhamos visto metates, em colecções de museus europeus, feitos de linda pedra esverdeada e adornados com figuras de animais belamente estilizados.

Nessas velhas civilizações americanas o «metate» era o vulgar moinho do milho <sup>(1)</sup>, que só se distinguia de outros exemplares pré-históricos europeus pela perfeição da forma e riqueza de

---

(1) George Peter Murdock — *Nuestros Contemporaneos Primitivos*. México, 1945, págs. 304 e 343.

acabamento e pela ornamentação artística; mas o princípio era o mesmo <sup>(2)</sup>.

Constam duma pedra côncava de superfície lisa, sobre a qual se faz rolar um cilindro de pedra, que esmaga o grão e o reduz a farinha.

Na Europa, o aparecimento de moinhos circulares, a princípio manuais, feitos de duas pedras sobrepostas, acabou por se impor, e é ainda hoje esse sistema aperfeiçoado, que impera entre nós.

Contudo, o «metate» tem uma característica curiosa, que falta a qualquer outro moinho, isto é, umas pernas do mesmo material, que mantém a pedra afastada do chão. Provavelmente isto explica-se pela seguinte razão: os aztecas utilizaram o «metate» não só como moinho de farinha, mas também para moer chocolate, e para esse fim é costume aquecer a pedra por baixo, com um braseiro, antes de começar o trabalho <sup>(3)</sup>.

Este achado do «metate» mexicano em Trás-os-Montes, teria sido uma surpresa muito grande, se não soubéssemos que com o uso do chocolate, também se tinha introduzido em Espanha o moinho empregado para moer o cacau pelos primitivos habitantes do México.

Mas a leitura dum estudo de Aranzadi, em que descreve circunstanciadamente a *pedra de chocolatero* <sup>(4)</sup>, usada e feita em várias regiões de Espanha à imagem do «metate», não nos deixou margem para grande admiração.

De facto, não só o chocolate mas também o «metate», são elementos culturais americanos introduzidos na Europa <sup>(5)</sup>, os quais sobretudo em Espanha tiveram uma difusão considerável.

Aranzadi interessado pela curiosa relação que descobriu entre o «metate» e a *pedra de chocolatero*, tratou de investigar a proveniência das segundas, pois não lhe pareceu nada provável que fosse importadas; não era admissível que, com pedreiros como os espanhóis, fosse necessário importar um instrumento tão pesado. De facto, verificou que se faziam em Astorga, em granito da região, aproveitando as pedras caídas da própria muralha, e que tal fabrico já vinha de velhos tempos.

O rebolo era de arenito por vantagem técnica. Havia também

---

<sup>(2)</sup> No Museu de Arqueologia do Instituto de Antropologia da Faculdade de Ciências do Porto, existe um exemplar de moinho primitivo europeu deste tipo.

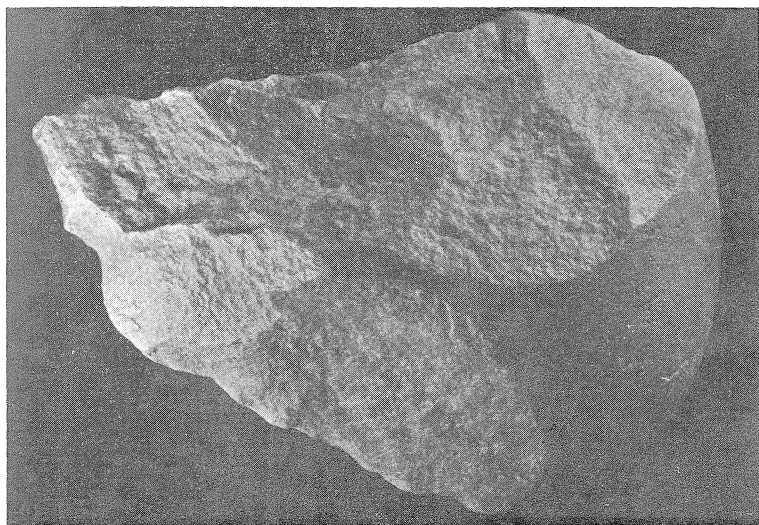
<sup>(3)</sup> L. de Hoyos y T. de Aranzadi — *Etnografía*, 1917, pág. 85.

<sup>(4)</sup> L. de Hoyos y T. de Aranzadi — *Etnografía*, 1917, págs. 79-87.

<sup>(5)</sup> Na obra acima citada faz referência ao uso da pedra do chocolatero no Sul da França.



B



A

moinhos de arenito e de pedra doce azulada, feitas em Zornoza-Amorebieta.

Os espanhóis mantiveram, pois, durante séculos a indústria das *pedras de chocolatero*, que copiaram dos «metates» aztecas, quando aprenderam a utilizar o chocolate, alimento ainda hoje muito popular em Espanha (6).

Embora sem sabermos qual a proveniência da pedra que

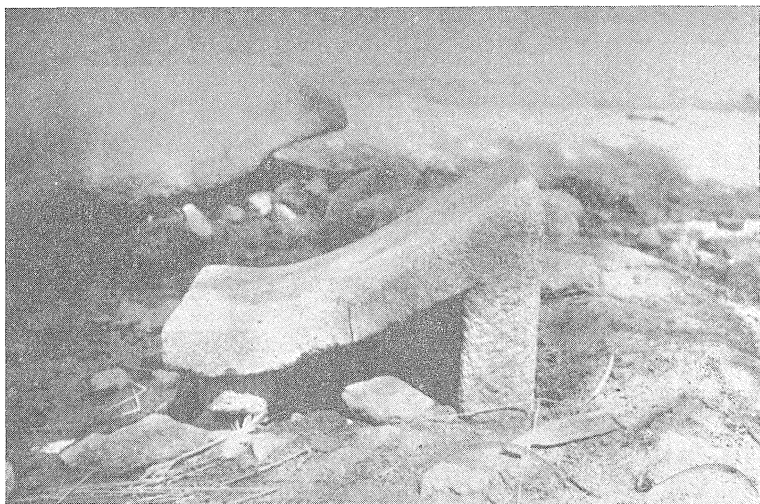


Fig. 1 — «Metate» fotografado em Vilarelho da Raia em 1947 e que já encontramos destruído em 1948.

vimos em Vilarelho, ficámos convencidos que devia ser de origem espanhola.

Porém, não podíamos perder tempo naquele momento, e tivemos de regressar só com o «metate» fotografado (fig. 1).

Um ano mais tarde, no verão de 1948, nova excursão pelo norte de Chaves permitiu-nos passar novamente em Vilarelho. Não nos esquecemos de perguntar pela pedra, que, infelizmente, como muitos outros objectos raros, fora vítima das fúrias da ignorância; já tinha sido partida.

---

(6) Se bem que os espanhóis tivessem recebido o uso do chocolate dos mexicanos, a maneira de o preparar é diferente. Em vez de pimento, colorau e papas de milho, deitam-lhe açúcar, e pode levar canela ou baunilha.

Foi então que nos contaram a sua história. Numa aldeia vizinha, espanhola — Rabel — vivia, há mais de 30 anos, um tal Juan, que vinha a Vilarelho fazer chocolate. Ele próprio torrava o grão que era moído em dois destes moinhos com uns *rebolos* de pedra. Depois misturava-lhe farinha, açúcar e um pouco de manteiga e fazia umas placas de chocolate, que algumas pessoas, iam vender pelas aldeias portuguesas. Ainda há restos dum caldeiro utilizado para tal fabrico e no telhado duma casa existe um rebolo a segurar as telhas à mistura com outras pedras (7).

Pedimos para ver o outro moinho que nos disseram ainda existir, e lá o fomos encontrar junto dum poço a servir também de pedra de lavar roupa. Porém, este era bastante diferente do primeiro, pois não tinha pés. Contudo viam-se por baixo duas

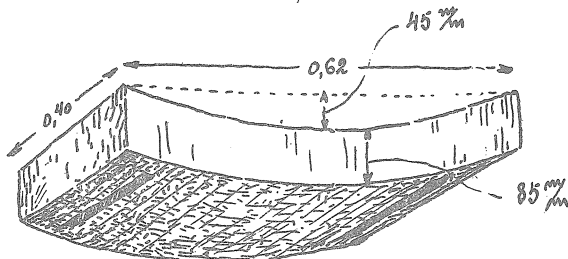


Fig. 2 — Outro «Metate» de Vilarelho da Raia ainda utilizado para lavar a roupa junto a um poço.

(Desenho de Fernando Galhano).

ranhuras profundas feitas no granito, que deviam servir para o apoiar em quaisquer suportes (fig. 2).

O primeiro «metate» que fotografámos era como os descritos por Aranzadi, mas mais baixo que o reproduzido por ele. Porém, ele mesmo diz que os de Astorga eram mais baixos que os de Barcelona, o que ainda os aproxima mais dos autênticos «metates» aztecas (8).

Diz Aranzadi, que o número de pés é geralmente três, dois à frente e um atrás, mas podem ser quatro, ou então, como em Astorga, dois muito largos. As nossas duas *pedras de chocolatero* não correspondem exactamente a nenhum dos casos descri-

(7) Informadora: Albertina Sanches, de 43 anos, filha dum Guarda-Fiscal, nascida no Porto, mas há mais de 30 anos em Vilarelho.

(8) L. de Hoyos y T. de Aranzadi — *Etnografía*, 1917, pág. 85.

tos. Uma, como dissemos, tem só umas incisões próprias para a colocar sobre um suporte qualquer e a outra tem três pés, mas o de trás é muito largo, e diferente dos dianteiros. No desenho reproduzido por Aranzadi, os três pés são iguais e facetados, enquanto que os de Vilarelho são redondos. Contudo não há

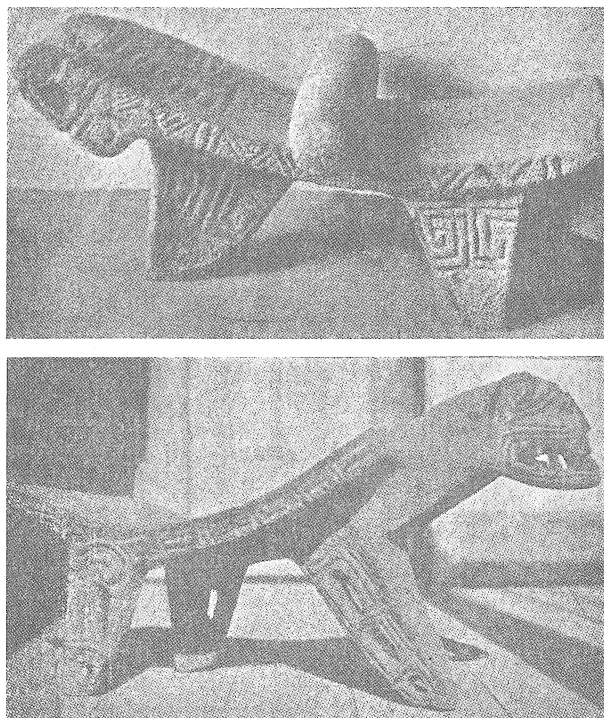


Fig. 3 — « Metates » ou moinhos de mão para moer milho — empregados pelos indígenas do Istmo — Costa Rica.

(Da *Summa Artis*, de José Pijoan).

dúvida que estas pedras vieram de Espanha e é natural que nunca se tivessem fabricado no nosso país, onde o consumo do chocolate parece não ter tido grande difusão entre o povo.

É possível que junto da fronteira o uso desta bebida tivesse sido maior por influência do país vizinho, como vemos pela existência desta fábrica primitiva, há trinta anos extinta.

Em Espanha continua a fazer-se e a gastar-se chocolate, a ponto de se ter incluído no racionamento durante a guerra, mas dos «metates» nada sabemos. Ainda se continuarão a fabricar das pedras da muralha de Astorga como em 1917? É possível que sim. Pena é que não se tivesse salvado esse exemplar curioso, talvez único na nossa terra. Mas quantos objectos curiosos não seguem o mesmo caminho!...

É provável que alguns museus estrangeiros conservem tais raridades, que a humanidade sempre gostará de contemplar mais tarde e que tão necessárias são para o estudo de certas culturas desaparecidas ou em vias de desaparecimento <sup>(9)</sup>.

JORGE DIAS.

### Achado arqueológico na Alemanha

*Um dardo de teixo com 150.000 anos apareceu na charneca de Lueneburgo entalado entre as costelas dum elefante pré-histórico.*

Causou enorme sensação a comunicação que o Prof. Jacob-Friesen de Hanover fez no último Congresso de Weinheimer acerca do achado dum elefante aparecido numa margueira em Lehringen, perto de Verdem no Aller.

Apesar do desleixo imperdoável daqueles que fizeram o achado, que não avisaram as entidades competentes contribuindo assim para a dispersão de valiosíssimos fósseis, por muitos coleccionadores de raridades, foi possível reconstituir um dardo de teixo com os diferentes pedaços do tórax que chegaram a Hanover. Os fragmentos de madeira, tão custosamente salvos, ajustavam-se perfeitamente e atingiram o comprimento total de 2<sup>m</sup>,40.

Além deste exemplar de dardo, até hoje único no Mundo, apareceram também armas de caça de sílex nas costelas do mesmo elefante, o que contribui consideravelmente para ampliar os nossos conhecimentos sobre o homem dos tempos da pedra lascada (aproximadamente entre 183.000 até 118.000 a. C.).

J. D.

<sup>(9)</sup> O Dr. Trebitsch, que veio a Espanha em 1913 buscar objectos etnográficos para o Museu de Viena, pediu para lhe mandarem um moinho destes de Barcelona. Citado por Aranzadi, *obra cit.*, págs. 83-85.